

PROBLEMÁTICA SEMÂNTICA DA CATEGORIA MORFOSSINTÁTICA DE TRANSITIVIDADE E INTRANSITIVIDADE VERBAL

Domenico Sturiale*

Resumo

A categoria de transitividade e intransitividade verbal carece de cientificidade. A teoria das valências e a teoria temática representam alternativas válidas para conferir novo rigor formal e semântico ao estudo de um capítulo da gramática portuguesa. **PALAVRAS-CHAVE:** Transitividade e intransitividade verbal; teoria semântica.

Abstract

Both verbal transitivity and intransitivity lack scientificity. The valence theory and the thematic theory represent valid alternatives to check new formal and semantic rigidity to the study of a chapter of the Portuguese grammar.

KEY WORDS: Transitive and intransitive verbs; semantic theory.

Introdução

Uma distinção tradicional, carente de fundamentação científica [SERIANNI, 1989:379], diferencia os verbos em transitivos e intransitivos. Estabelecem-se, no âmbito das gramáticas normativas tradicionais, dois critérios de identificação da categoria de transitividade e intransitividade verbal: (i) o primeiro é um critério, baseado na presença/ausência de complementação verbal necessária (objeto direto ou indireto); (ii) o segundo é um critério semântico, em força do qual afirma-se que a *ação* expressa pelo verbo transitivo *passa* (do latim *transire*, “passar”) diretamente (sem preposição) ou indiretamente (com

preposição) para o seu complemento, que assim *sofre* a ação expressa pelo verbo.

O presente trabalho tem o objetivo de elevar a categoria morfosintática de transitividade e intransitividade verbal de um plano ingênuo e insatisfatório para um plano rigorosamente científico.

1. Argumentos e Circunstanciais

Em 1959, Tesnière introduziu na Linguística o termo “valência” com uma metáfora emprestada do vocabulário técnico da química. No dicionário Aurélio, o conceito de valência é assim definido: “o número de ligações que um átomo ou um radical pode efetuar com outros átomos ou radicais, sob forma estável, para constituir uma molécula ou outro radical”. Uma fórmula do tipo H₂O indica que a valência do átomo de oxigênio é dupla com relação à do hidrogênio, assim que, para formar uma molécula de água, são necessários dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio. Da mesma maneira, para ter uma frase *bem formada* ou *gramatical* com um verbo como “temer”, é necessário que ele seja acompanhado por dois sintagmas nominais (SN), como na frase “os homens temem a fome”. Os elementos que saturam a valência de um verbo, isto é, aqueles que obrigatoriamente devem estar presentes junto dele, são chamados por Tesnière e Borba [1996:19] “actantes” (*actants*), por Renzi [1988:31] “elementos nucleares” (*elementi nucleari*) e por Graffi [1994:51] “argumentos” (*argomenti*). O termo “argumento” equivale a “casa vazia” ou “lugar”, enquanto o termo “predicado” designa o núcleo oracional. Da relação entre esses dois

* Mestrado em Letras. Docente da UNIPAR.

Endereço: Praça Mascarenhas de Moraes, s/nº - CEP 87.502-210 - Umuarama - Pr.

elementos, resulta a fórmula P(A), em que o símbolo "A" vem entre parênteses porque uma oração pode contar apenas com o núcleo predicativo. P(A) representa um esquema oracional básico, subjacente a qualquer seqüência realizada (BORBA, 1996:21). Além desses elementos obrigatórios, existem também, em conexão com o verbo, elementos facultativos, chamados "circunstantes" ou "circunstanciais" (*circunstants*). Borba faz dos circunstantes uma subclasse inserida na classe mais ampla dos "participantes", que compreende, em sua totalidade, "especificadores", "adjuntos" e os já citados "circunstantes" (BORBA, 1996:22).

Para distinguir, numa frase, os argumentos dos circunstanciais, existem quatro critérios.

1. O primeiro critério é de ordem semântica: enquanto os argumentos representam as entidades que saturam a valência de *n* lugares do verbo, os circunstanciais especificam o contexto intratextual em que se desdobra a ação expressa pelo verbo.

(1) Paulo bateu o carro, semana passada.

"Paulo" e "carro" são dois argumentos do verbo "bater" e "semana passada" é o circunstancial.

2. O segundo critério fundamenta-se sobre a obrigatoriedade do emprego dos argumentos *versus* a não obrigatoriedade do uso dos circunstanciais. Na frase (1), a omissão de "Paulo" ou/e de "carro" gera agramaticalidade, enquanto a omissão de "semana passada" não.

3. O terceiro critério baseia-se sobre o fato de a escolha dos argumentos, contrariamente à seleção dos circunstanciais, ser restringida em função do verbo. Os verbos "interrogar" e "perguntar", por exemplo, têm em comum uma restrição: ambos pedem que tanto a entidade que emite a pergunta quanto aquela que a recebe sejam humanas. Porém, cada um dos verbos tem argumentos diferentes.

(2) a. O professor interrogou o aluno.

b. ?O professor interrogou o leão.¹

c. O delegado perguntou à testemunha quem tinha atirado na praça.

d. ?O delegado perguntou ao cachorro quem tinha atirado na praça.

O verbo "interrogar" requer dois SN, enquanto o verbo "perguntar" requer um SN, um sintágoma preposicional (SP) e uma frase (F). A escolha dos circunstanciais, pelo contrário, apresenta-se muito mais livre, sem restrições nem de seleção nem de categoria.

(3) a. Ontem à noite / semana passada / dois meses atrás / na escola / fumando um cigarro, o professor interrogou o aluno.

b. Ontem à noite / semana passada / dois meses atrás / no seu escritório particular / no fórum / fumando um cigarro, o delegado perguntou à testemunha quem tinha atirado na praça.

4. O quarto critério visa à ordem das palavras, rígida para os argumentos, mais livre no caso dos circunstanciais. A inversão da ordem dos argumentos em (4b.) inverte o significado da frase. O mesmo não acontece com a inversão da ordem dos circunstanciais em (4c.).

(4) a. O professor interrogou o aluno, ontem à noite.

b. O aluno interrogou o professor, ontem à noite.

c. Ontem à noite, o professor interrogou o aluno.

2. Teoria das Valências

Com base em suas diferentes valências, a saber, no número dos argumentos que os acompanham, podem distinguir quatro classes de verbos (GRAFFI). Borba fala de cinco classes e não distingue entre argumentos e circunstanciais. Aqui seguimos a sistematização de Graffi.

1. Verbos aivalentes ou zerovalentes. Não são acompanhados por nenhum argumento. Típicos exemplos dessa classe são os verbos meteorológicos, tradicionalmente classificados como intransitivos impessoais.

2. Verbos monovalentes. São acompanhados por um só argumento, que pode ser um SN, como em (5a.), ou uma F, como em (5b.).

¹ A presença de um ponto de interrogação no começo de uma frase indica que a mesma é levemente anômala ou agramatical.

(5) a. João anda.

b. Precisa que João parta.

3. Verbos bivalentes. São acompanhados por dois argumentos, um dos quais é sempre um SN, enquanto o outro pode ser um SN, como em (6a.) e (6b.), um SP, como em (6c.), ou uma F, como em (6d.).

(6) a. Rafael observa o mar.

b. O povo teme a guerra.

c. Marcos desobedece a seus pais.

d. Filomena acredita que Elaine chegue amanhã.

4. Verbos trivalentes. São acompanhados por três argumentos e são tipicamente exemplificados, segundo Tesnière, pelos verbos de dizer e por aqueles de dar.

(7) a. João revela a fórmula ao colega.

b. João dá um presente a sua esposa.

c. João diz a Maria que seria bom ir embora.

Os argumentos dos verbos trivalentes podem ser dois SN e um SP, como em (7a.) e (7b.), ou dois SN e uma F, como em (7c.).

3. Transitividade *versus* valência

As classes dos verbos avalentes ou zerovalentes, monovalentes, bivalentes e trivalentes parecem corresponder aos verbos que a gramática tradicional define, respectivamente, como intransitivos impessoais, intransitivos pessoais, transitivos diretos ou indiretos, bitransitivos. Todavia, essa correspondência é só parcial, seja porque são basicamente diferentes os critérios de classificação, seja porque as classes verbais tradicionais não coincidem perfeitamente com aquelas definidas em termos de valência.

Os verbos avalentes ou zerovalentes são assim chamados a causa de um critério exclusivamente formal: por não terem argumentos. Pelo contrário, a nomenclatura tradicional de verbo impessoal revela-se imediatamente insuficiente. Com efeito, os verbos em questão são formalmente pessoais: são constantemente conjugados na terceira *pessoa* singular. A categoria de impessoalidade apóia-se em

uma noção de pessoa que não é a de pessoa gramatical, mas antes de agente. Num verbo como “chover”, evidentemente, tal agente falta; mas também, numa frase passiva, como “João foi punido”, falta o agente, e não por isso o verbo “punir” pode ser classificado como verbo impessoal.

A definição tradicional da classe dos verbos transitivos e bitransitivos é dúplice: ao mesmo tempo, semântica e formal. Segundo o critério formal, a passagem da ação é possível graças à existência de um objeto direto ou indireto, enquanto, nos verbos intransitivos, a ação não passaria pela ausência de tal objeto. Segundo o critério semântico, os verbos transitivos são aqueles que expressam uma ação que passa do sujeito ao objeto.

A inadequação do critério semântico resulta em frases como as seguintes:

(8) O povo teme a guerra.

(9) O prisioneiro padeceu torturas.

Como é possível dizer que a ação de temer passa do “povo” para a “guerra” ou que a ação de padecer passa do “prisioneiro” para “torturas”? Ou, ainda, como é possível sustentar que o complemento “guerra” sofre a ação de temer ou que o complemento “torturas” sofre a ação de padecer?

O conceito de transitividade como passagem de uma ação revela-se, portanto, totalmente contraditório. Fala-se de uma ação que passa do sujeito para o objeto, que sofre a ação expressa pelo verbo, quando, na verdade, em frases como (8) e (9), acontece exatamente o contrário.

4. Teoria temática

Com base no conceito, já amplamente explanado, de valência, sabe-se que (10a.) é agramatical por hiposaturação das valências, enquanto (10c.) é agramatical por hipersaturação. O verbo “assaltar”, de fato, é bivalente e deve, pois, ser acompanhado obrigatoriamente por dois argumentos, como em (10b.).

(10) a.*Os homens assaltaram.²

b. Os homens assaltaram o banco.

c.*Os homens assaltaram o banco à polícia.

A relação semântica entre uma determinada

² A presença de um asterisco no começo da frase serve para indicar a agramaticalidade da mesma.

voz lexical e seus argumentos permanece constante. “Os homens” em (11a.), “o professor” em (11b.), “João” em (11c.), “a guerra” em (11d.) indicam o agente ou agentivo, quer dizer, o autor da ação. “O banco” em (11a.), “o modelo lingüístico” em (11b.), “o livro” em (11c.) indicam o paciente, a saber, a entidade que padece uma ação. “Maria” em (11c.) e Fabiana em (11e.) são beneficiários, isto é, entidades destinatárias de uma posse ou que se beneficiam de uma ação exercida por outrem. “O povo” em (11d.) é experimentador, uma entidade que experimenta um determinado estado psicológico, como em (8), ou físico, como em (9).

- (11) a. Os homens assaltaram o banco.
 b. O professor descreve o modelo lingüístico.
 c. João dá um livro a Maria.
 d. O povo teme a guerra.
 e. Fabiana teve um sonho.

Estas relações de significado entre a voz lexical e seus argumentos são chamadas “papeis semânticos” ou “papeis temáticos” (*thematic roles*) ou “papeis- θ ” (θ -roles) ou “papeis-th”, correspondentes aos “casos profundos” de Fillmore [1968] e às “relações temáticas” de Jackendoff [1972].

Lembre-se que, precedentemente, foram citadas (8) e (9) para mostrar as dificuldades da definição tradicional de transitividade. A teoria temática, com sua noção de papel temático, permite, agora, descobrir o porquê dessas dificuldades. A nomenclatura tradicional identifica o papel temático de agente com a categoria sintática de sujeito, sendo que os dois nem sempre coincidem. A noção de sujeito pode ser definida estruturalmente; a noção de agente, pelo contrário, está em relação às propriedades semânticas das vozes lexicais. Algumas vozes lexicais, como “saquear”, “dar”, “comer”, “golpear”, “perder”, etc., atribuem a seus argumentos com função de sujeito o papel temático de agente. Outras vozes lexicais, como “temer”, “padecer”, “sofrer”, “perder”, etc., atribuem a seus argumentos com função de sujeito o papel temático de experimentador.

O conjunto dos papeis temáticos atribuídos por uma voz lexical a seus argumentos é chamado “grelha temática” [STOWELL, 1981]. Vozes

lexicais que atribuem aos mesmos argumentos os mesmos papeis temáticos, compartilham a mesma grelha temática. Em (11a.) e (11b.), tem-se a mesma grelha temática, compartilhada, respectivamente, pelo verbo “assaltar” e pelo verbo “descrever”: “homens” e “professor” são os agentes; “banco” e “modelo lingüístico” são os pacientes. Em (11c.), o verbo “dar” atribui a seus argumentos os papeis temáticos de agente (“João”), de paciente (“livro”) e de beneficiário (“Maria”). Em (11d.), o verbo “temer” atribui a “povo” o papel temático de experimentador e a “guerra” o de agente.

Os papeis temáticos não estão todos num mesmo plano, mas são ordenados hierarquicamente. Em particular, existe um papel temático que, de Williams [1981] em diante, é definido *externo* e manifesta um comportamento peculiar. Ele pode ser omitido, quando selecionado por um verbo numa frase passiva.

- (12) a. Os homens assaltaram o banco.
 b. O banco foi assaltado pelos homens.
 c. O banco foi assaltado.

O papel temático que pode faltar é, em casos como (12c.), aquele de agente. Em outros casos, como em (13c.), pode ser o de experimentador.

- (13) a. O povo teme a guerra.
 b. A guerra é temida pelo povo.
 c. A guerra é temida.

Em relação ao papel temático externo, pode-se afirmar que: (i) se uma voz lexical atribui mais de um papel temático, o papel temático externo pode ser o de agente ou o de experimentador, nunca o de paciente; (ii) o argumento externo é aquele que exerce a função sintática de sujeito nas frases ativas. Em alguns casos, contrariamente ao que ocorre com os argumentos internos, o argumento externo realizado por uma voz lexical pode ter papeis temáticos diferentes.

- (14) a. João quebrou a janela.
 b. João quebrou seu braço.

Em (14a.), “João” tem o papel de agente; em (14b.), o de experimentador, a menos que não se queira afirmar que João tenha quebrado voluntariamente seu braço. Vice-versa, tanto “janela” quanto “seu braço” têm o mesmo papel temático de paciente. Portanto, não é apenas o verbo, mas o verbo e seu objeto ou paciente que determinam o papel temático do argumento externo.

Conclusão

Com base em quanto foi exposto até aqui, propõe-se a substituição da categoria de sujeito pelos papéis temáticos. Existem verbos sem agente, porém, todo verbo possui um sujeito formal ou pessoa verbal. Conseqüentemente, propõe-se a substituição das categorias verbais de verbos pessoais e impessoais e transitivos e intransitivos pelas de verbos avalentes ou zerovalentes, monovalentes, bivalentes e trivalentes. No modelo da transitividade e intransitividade verbal, realiza-se, de maneira muito aproximativa, um discernimento analítico, que é, ao mesmo tempo, formal e semântico. No modelo da teoria das valências, opera-se um discernimento rigorosamente formal da estrutura verbal e de suas relações com os argumentos e os circunstanciais.

No modelo da teoria temática, efetua-se um discernimento de cunho semântico em relação ao papel desempenhado por cada um dos argumentos selecionados pelo verbo.

Bibliografia

BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de**

valências para o português. São Paulo: Ática, 1996.

FILLMORE, C. J. **The case for case.** In E. Bach e R. T. Harms. *Universals in Linguistic Theory.* New York: Holt Rinehart and Winston, 1968; trad. It. *Gli universali nella teoria linguística.* Torino: Boringhieri, 1978.

GRAFFI, Giorgio. **Le strutture Del linguaggio: Sintassi.** Bologna: Il Mulino, 1994.

JACKENDOFF, R. S. **Semantic Interpretation in Generative Grammar.** Cambridge Mass.: The MIT Press, 1972.

RENZI, L. (org.) **Grammatica italiana.** 2 ed. Torino: UTET, 1991.

STOWELL, T. **Origins of Phrase Structure.** MIT, tese de doutoramento, 1981.

TESNIÈRE, L. **Éléments de syntaxe structurale.** Paris: Klincksieck, 1965.

WILLIAMS, E. **Argument structure and morphology.** In: "The Linguistic Review", 1, 81-114, 1981.